

ESTÉTICA DO INVISÍVEL E ANDROGINIA: A DISSOLUÇÃO DA UNIDADE SIMBÓLICA DE PERTENCIMENTO COMO REFLEXÃO À EDUCAÇÃO FÍSICA

AESTHETICS OF THE INVISIBLE AND ANDROGINIA: THE DISSOLUTION OF THE SYMBOLIC UNIT OF BELONGING AS A REFLECTION TO PHYSICAL EDUCATION

Cássia Marques Cândido¹, Heloisa de Almeida Suzano² e Monique Ribeiro de Assis¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

²Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

RESUMO

O interesse pela realização do estudo parte da visibilidade que indivíduos não binários adquirem em diferentes espaços, inclusive em manifestações artísticas que convidam ao diálogo. Um exemplo é o evento “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade”, que promoveu um debate público envolvendo a temática. A mesma comportou a exposição fotográfica “Estética do Invisível”, de onde selecionamos duas imagens, com o objetivo de interpretá-las, discutindo alguns sentidos atrelados às suas composições. Trata-se daquelas intituladas “Ensaio disfarce para o fim do mundo” e “Meu corpo criação”. O método é inspirado na antropologia da imagem. O mesmo exige que a interpretação supere o conteúdo das fotografias e considere aspectos ligados à sua produção e exibição. Os resultados apontam que ambas as imagens superam o discurso autoritário, representando indivíduos que recusam se submeter aos processos identitários vigentes. Elas expressam um modo de sofrimento, que se traduz em sintoma pela dissolução da unidade simbólica de pertencimento. Os elementos que as constituem evocam noções de divindade, poder, resistência e transformação. Além de subjetividades cambiantes, as fotografias iluminam o despontar de um novo paradigma que desafia convenções e acarreta mudanças em diferentes campos, principalmente aos que atuam diretamente sobre o corpo.

Palavras-chave: Educação Física. Corpo andrógino. Fotografia.

ABSTRACT

The interest in conducting the study comes from the visibility that non-binary individuals acquire in different spaces, including artistic manifestations that invite dialogue. An example is the event “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade”, which promoted a public debate involving the theme. It included the photographic exhibition “Estética do Invisível”, from which we selected two images, with the purpose of interpreting them, discussing some senses linked to their compositions. These are those entitled “Ensaio disfarce para o fim do mundo” and “Meu corpo criação”. The method is inspired by the anthropology of the image. It requires interpretation to surpass the content of photographs and to consider aspects related to their production and exhibition. The results indicate that both images surpass the authoritarian discourse, representing individuals who refuse to submit to current identity processes. They express a mode of suffering, which translates into a symptom by the dissolution of the symbolic unity of belonging. The elements that constitute them evoke notions of divinity, power, endurance, and transformation. In addition to changing subjectivities, photographs illuminate the dawn of a new paradigm that challenges conventions and entails changes in different fields, especially those that act directly on the body.

Keywords: Physical Education. Androgynous body. Photography.

Introdução

Estudar o corpo implica, dentre outros fatores, compreender os significados que o envolve em cada cultura. Neste cenário, um aspecto sobressalente diz respeito aos mecanismos que se instauram para discipliná-lo, como as dicotomias biológico/social e masculino/feminino presentes em diferentes campos disciplinares^{1,2}. Um exemplo pode ser observado na própria Educação Física, que desde a origem é marcada por métodos mecanizados e sexistas³. Apesar das inúmeras transformações que ocorreram em suas dinâmicas, as novas molduras ainda conservam a essência normalizadora e engessada de outrora. Neste contexto, as práticas corporais são formuladas em conformidade com uma perspectiva utilitária, servindo a interesses externos aos indivíduos. Isto costuma passar despercebido, pois os discursos que convidam à adesão, emergem como se fossem naturais, impondo padrões de saúde e beleza, como apontam Louro *et al.*⁴.



De acordo com os autores, embora a tentativa de adequação a estes modelos represente uma ação dominante na atualidade, existem pessoas que recusam quaisquer formas de identificação. Rejeitando o que é culturalmente imposto ao masculino e feminino, esses indivíduos optam pela reinvenção do corpo e por vezes, decidem se posicionar na fronteira entre ambos. Tal atitude nos leva a entender por que este modo de subversão transparente no corpo é potencialmente capaz de desafiar as dinâmicas que contextualizam as práticas corporais, como fica evidente em estudos que envolvem o esporte de alto rendimento^{5,6} e o contexto das aulas de Educação Física. Dentre outros aspectos, é abordada a desestabilização que atletas transgêneros provocam nos modos de organização desportiva enraizada no paradigma heteronormativo^{5,6}. Considerando as atividades corporais desenvolvidas na escola, exclusão e estranhamento são apenas algumas das dificuldades enfrentadas por alunos que apresentam performance de gênero dissonante à norma⁷.

Além disso, chama atenção o aumento de pessoas com essa aparência considerada estranha aos olhares que se deparam com a impossibilidade de categorizá-los segundo os moldes existentes. Recentemente uma campanha realizada nas redes sociais convidava pessoas não binárias a publicar *selfies* com a finalidade de mostrar a existência de indivíduos que não se identificam com nenhum dos gêneros⁸. Na perspectiva de Salish⁹, Louro¹⁰, Louro *et al.*⁴, Butler¹¹, Butler¹², tais formas de “reconstrução corporal” podem ser compreendidas, pelo menos em parte, através da Teoria Queer. O corpo queer, como é chamado pelos autores, traz à tona contradições inerentes às normas, colocando-as à prova e impondo desafios às convenções.

Nesta conjuntura, um caso emblemático ocorreu no Colégio Pedro II, localizado no município do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Depois de uma série de manifestações dos alunos contra uma regra que diferenciava uniforme para meninas e meninos, a instituição decidiu pela liberação, possibilitando que eles escolhessem o modelo, que dentre as opções oficiais, melhor lhes atendesse¹³. O acontecimento dividiu opiniões e gerou polêmica, inclusive muitas pessoas contrárias à decisão demonstraram intolerância. Para Dunker¹⁴, esta reação é uma consequência da tentativa de viver entre iguais, que marca a vida social hoje.

Por outro lado, na perspectiva do mercado, as adaptações acontecem com mais tranquilidade, inclusive na moda há grifes como a “Banditee”, que não diferencia a modelagem das peças, visando atender ambos os gêneros. Um de seus slogans é “*soul has no gender*”, ou seja, “alma não tem gênero”. Neste contexto, existem modelos profissionais que atuam quebrando identidade de gênero como Erika Linder, Andrej Pejic, Elliott Sailors e Márcia Alvarado. A tentativa de assimilação destes modos de ser também acontece com rapidez na indústria cultural. Ruas e Rabot¹⁵ destacam títulos de filmes e desenhos animados como “Os Cavaleiros do Zodíaco”, “Dragon Ball” e “Avatar”, que apresentam personagens sem clara definição de gênero.

Na arte é possível encontrar manifestações ainda mais contundentes no diálogo com a questão, como é o caso da “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade”, que ocorreu no mês de junho de 2018, no município do Rio de Janeiro¹⁶. Nela foram tratados temas ligados a gênero, diversidade sexual, combate ao machismo e LGBTfobia, perpassando por racismo e gordofobia. A programação comportou cinema, teatro, moda, música, performances, debates, esportes e o concurso fotográfico que selecionou fotografias para compor uma exposição intitulada “Estética do Invisível”.

É justamente sobre um recorte desta exposição que vamos nos debruçar no presente estudo. O objetivo é interpretar duas fotografias, especificamente aquelas intituladas “Ensaio disfarce para o fim do mundo” e “Meu corpo criação”, discutindo alguns sentidos atrelados às suas composições. A opção por um recorte proveniente da arte se dá em função de seu potencial para dialogar com a realidade, de modo que somos convidados a pensar em novos significados. E a escolha por estas fotografias se deu em função de detalhes que as tornam

instigantes e provocativas, conforme será mostrado adiante. A primeira nos remete a discussões de gênero, política e religiosidade, inclusive sua exibição seria censurada. E a segunda capturou, de forma contundente, um olhar de uma pessoa transgênero sobre si, transparecendo uma repulsa que poderia ser pela classificação binária, o que se evidencia tanto por aspectos culturais, quanto biológicos.

Na literatura pertinente ao assunto^{3,5-7}, observamos que o tema carece de mais olhares, pois, fica evidente o longo caminho a ser percorrido para superação dos desafios impostos por estes modos de ser, que almejam visibilidade. Sendo assim, a divulgação de algumas ponderações sobre as fotografias favorece compreensões no entorno deste fenômeno que tem o corpo como vitrine.

Métodos

O método utilizado para interpretar as fotografias é inspirado na antropologia da imagem, uma estratégia multidisciplinar e multimetodológica em expansão, que possibilita compreender os significados que emergem da leitura de um retrato¹⁷. Este recurso exige que o pesquisador compreenda as relações socioculturais que se reificam nas imagens. Para que isto seja possível é preciso se atentar às condições ligadas à sua produção, o que demanda, dentre outros fatores, a consideração do espaço, tempo e contexto sociopolítico.

Penn¹⁸ e Barthes¹⁹ chamam atenção para os diferentes níveis relacionados ao processo interpretativo, enfatizando a importância que as associações culturais assumem em relação ao que é registrado. A primeira instância de significação é denotativa; nela o leitor requisita conhecimentos linguísticos e antropológicos. Outro nível é o conotativo, em que o processo de interpretação demanda por conhecimentos partilhados culturalmente, sendo que algumas leituras são idiossincráticas. Existe ainda a forma mítica, que Penn^{18:324} afirma ser “[...] o processo pelo qual uma cultura se naturaliza, ou torna invisível suas próprias normas e ideologia”.

Assim, norteados pelos autores supracitados, elaboramos a trajetória analítica, começando pela seleção das fotografias de acordo com o objetivo do estudo. Como mencionado, as mesmas foram retiradas da exposição “Estética do Invisível”, que junto a outras atrações, constituíram o evento “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade”. Elas abordaram temas ligados à diversidade de gênero ou sexual, incluindo questões e lutas das mulheres e de pessoas LGBTQI+ e atenderam a exigência de classificação etária livre. Além de exibidas no evento, as imagens serviram para divulgá-lo, ficando expostas em “lambe-lambes” pela cidade do Rio de Janeiro. No total, vinte fotografias fizeram parte da mostra. Quinze foram selecionadas através do concurso “Estética do Invisível” e cinco provenientes de um ensaio fotográfico externo ao concurso. Destas, onze apresentaram relação com a divulgação do corpo andrógino e duas foram selecionadas para interpretação, conforme especificado.

No que se refere à apresentação e discussão dos resultados, realizamos de forma simultânea, começando pela contextualização de aspectos ligados ao evento. Foi então que situamos espaço, tempo e realidade sociopolítica. Em seguida, interpretamos as fotografias, uma de cada vez, o que possibilitou maior foco e profundidade na reflexão sobre a simbologia presente em suas composições. Assim, “Ensaio disfarce para o fim do mundo” foi a primeira fotografia a ser tratada e “Meu corpo criação”, a segunda.

Levando em conta que trabalhos desta natureza requerem identificação dos sujeitos que interpretam, esclarecemos que somos docentes atuantes na área da Educação Física em diferentes instituições, inclusive isto explica o enfoque a partir do corpo. Outro fator importante a ser posto é a limitação do estudo, que reside justamente na subjetividade inerente

à fotografia e também ao processo interpretativo. Acerca do processo interpretativo, salientamos que houve cautela em sua realização, já que nos respaldamos em aportes teóricos capazes de levar à compreensão do fenômeno retratado e também à simbologia requisitada para a composição.

Resultados e Discussão

O ponto de partida é a apresentação de alguns fatores que contextualizaram a “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade”. No que se refere a espaço e tempo, a programação foi idealizada para acontecer integralmente no Parque Madureira, que fica localizado no bairro de Madureira, zona norte do município do Rio de Janeiro, entre os dias 08 e 10 de junho, do ano de 2018, mês do orgulho LGBT. O local escolhido é uma área pública de lazer, composta por praças, ciclovia, anfiteatro e espaços destinados à prática esportiva. Madureira é um bairro que fica distante do centro da cidade, no entanto é uma referência para o entorno, devido suas opções de comércio e transporte, sendo também um berço de manifestações culturais, como por exemplo, o samba.

Embora o local selecionado para efetivar a programação seja público, decisões políticas afetadas por valores religiosos de tradição cristã prejudicaram a concretização do evento. Isto porque algumas atrações foram censuradas pelo prefeito Marcelo Crivella, conhecido pelo conservadorismo e por ser ligado a uma igreja evangélica, especificamente na figura de pastor. Por vezes, ele gerou polêmica ao ferir o princípio constitucional do Estado laico, inclusive era comum vê-lo requisitando o discurso ligado à fé para justificar posicionamentos controversos no governo. Em um vídeo divulgado pelas redes sociais, o prefeito afirmou que: “Nenhum espetáculo, nenhuma exposição vai ofender a religião das pessoas. Enquanto eu for prefeito, vamos respeitar a consciência e a religião das pessoas”. Na ocasião, os dizeres foram direcionados a uma peça teatral que fez parte do evento em questão.

Vale destacar que sua intransigência não é uma exceção, já que não são raras as pessoas que defendem suas ideias. A referida censura levou os organizadores a deslocarem a programação para a Fundação Progresso, um núcleo cultural, localizado no centro da cidade, que tem tradição em receber manifestações artísticas de diferentes naturezas. Como se pode observar, a consolidação do diálogo público sobre “diversidade sexual e de gênero” e “combate ao machismo e à LGBTfobia” na zona norte da cidade foi inviabilizada.

Repulsa ao que foge à suposta normalidade também afetou o contexto das fotografias, já que algumas teriam exibição vetada. Dentre elas, está àquela apresentada na Figura 1, intitulada “Ensaio disfarce para o fim do mundo”, dos autores Maíra Barillo, Renan Guedes e Yan Chi. A mesma seria proibida por censura etária. Membros organizadores do evento e pessoas sensíveis à causa promoveram manifestações, conseguindo reverter a situação²⁰. Vejamos a imagem:



Figura 1. Fotografia de Maíra Barillo, Renan Guedes e Yan Chi, intitulada “Ensaio disfarce para o fim do mundo”

Trata-se de uma fotografia que não apresenta legenda, o que possibilita maior liberdade interpretativa. O cenário é enigmático, rico em símbolos e cores instigantes. É difícil estabelecer quaisquer classificações, seja de gênero, cor da pele ou mesmo forma corporal. O mistério sugerido pela tonalidade escura do vermelho, junto às sombras e o que poderia ser um chifre, conduz o imaginário a uma correlação com o diabo. Por outro viés, a mesma conjuntura atrelada aos olhos encobertos pela máscara dourada, à cabeça levemente erguida e ao colar envolvendo as roupas, remete à figura de um Orixá, símbolo de uma religiosidade de matriz africana no Brasil.

Segundo Natividade e Oliveira²¹ estas religiões se estabeleceram no país na contrapartida dos valores cristãos aqui predominantes, por isso, são marginalizadas. Desde então, é comum observarmos discursos equivocados ligando-as ao mal e ao diabo. Os autores ainda afirmam que os Orixás simbolizam a personalidade, não importando o gênero masculino ou feminino, por isso muitas entidades são representadas por um antropomorfismo andrógino, evidenciando uma flexibilidade ligada à identidade de gênero, que atrai para estas religiões muitas pessoas que não são admitidas em outras. Isto nos leva a pensar que o emaranhado artístico envolvendo gênero, diabo e Orixá não é simples acaso na composição desta fotografia. Tais associações podem ter influenciado na decisão inicial relativa ao veto, que não se sustentou pelo argumento relacionado à classificação por faixa etária.

Ao apresentar uma compreensão sobre a vida entre muros do condomínio no Brasil, Dunker¹⁴ traça um paralelo com a vida cotidiana, nos permitindo compreender alguns dos mecanismos que regulam o comportamento social na atualidade. Partindo do desejo de viver entre iguais, as pessoas comportam-se de modo opressor, numa tentativa de impor que os outros se submetam aos processos de identificação vigentes. Neste contexto, pensamentos que diferem da maioria causam incômodo e são combatidos em função de uma suposta necessidade de reafirmar a identidade do grupo.

O autor¹² afirma que desta conjuntura emergem determinadas patologias do social. Elas decorrem do sofrimento causado pela exposição do indivíduo a excessivos processos de identificação, de modo que atitudes subversivas se configuram como sintomas, que são expressões do sofrimento e do desejo de mudança. Trata-se de maneiras de desafiar a suposta universalidade dos modelos que convidam à identificação. Ao propor uma tipificação acerca das patologias do social, Dunker¹⁴ enquadra as questões de gênero, o que fica claro ao se referir àquelas que:

[...] derivam da perda da unidade do espírito e que se apresenta como aspirações de identidade – de gênero, de estilo, de modo de vida. O símbolo dessa falsa unidade é o muro. Como se ele instituísse uma nova comunidade, que recusa e substitui a anterior, experimentada como improvável ou impostora. A nova unidade adquirida entre muros é composta em contraste com a anomia que é deixada em seu exterior. Essa comunidade que se autosegrega precisa, pois, lidar com os efeitos de culpa que retornam sob forma de intolerância ou do que Freud chamou de “narcisismo das pequenas diferenças”^{14:56}.

Nesta perspectiva, o ser nem homem, nem mulher retratado na imagem é uma contundente representação da dissolução da unidade simbólica de pertencimento, sendo entendido como a expressão de um sintoma. E mais, a tentativa de veto da imagem traduz um modo de intolerância do poder vigente, uma consequência do narcisismo das pequenas diferenças. O indivíduo fotografado ainda pode ser associado à figura do xamã transversal que segundo o autor¹², é capaz de se posicionar entre perspectivas, cumprindo o papel de aproximar universos díspares. “Os xamãs transversais situam-se como *tricksters*, mestres brincalhões, ambíguos do ponto de vista moral, bissexuais, errantes do ponto de vista territorial^{12:387}”.

A fim de tornar claro como o conjunto de elementos requisitados para compor a fotografia nos levou às interpretações apresentadas, trazemos à tona a essência de seus principais elementos. Começamos pelo antropomorfismo que segundo Chevalier; Gheerbrant²² é encontrado no:

[...] alvorecer de toda cosmogonia, como também no final de toda escatologia. No alfa como no ômega do mundo e do ser manifestado situa-se a plenitude da unidade fundamental, onde os opostos se confundem, quer sejam ainda nada mais do que potencialidade, quer se tenha conseguido sua conciliação, sua integração final. [...] O andrógino, signo de totalidade, aparece portanto no final e no começo dos tempos. Na visão escatológica da salvação, o ser reintegra-se a uma plenitude na qual a separação dos sexos se anula [...]^{22:52}.

É interessante notar que os dizeres presentes no título “Ensaio disfarce para o fim do mundo” remetem à ideia de terminalidade expressa na citação. Ao explorarmos as relações imaginárias estabelecidas entre as noções de androginia, cosmogonia e escatologia, compreendemos que além de sugerir o encerramento de um padrão, a imagem em tela aponta para o surgimento de outro; tanto que ao considerarmos o todo em sua composição, notamos que os sentidos convergem para a mesma direção, bastando lembrar que a imagem sugere a negação de quaisquer padrões.

Analisando cada elemento pela perspectiva de Chevalier; Gheerbrant²², constatamos que o olho de natureza dual, responsável pelas percepções exteriores, está coberto. Há uma espécie de colar, cujo significado cósmico e psíquico sugere a redução do múltiplo ao único, organizando diferenças possivelmente caóticas. O vermelho de diferentes tons que predomina em toda a imagem simboliza a vida e seu mistério. O chifre de tonalidade dourada pode ser associado a uma coroa, inclusive, existe conformidade entre alguns significados relacionados a ambos os objetos. São eles: elevação, poder e luz. Em se tratando exclusivamente do chifre, a simbologia se dirige à ideia de eminência, abertura e iniciação. Ainda existem sentidos ambivalentes, como: união entre potência viril e fecundidade; força defensiva atrelada à noção de escudo e força regressiva pelo imaginário relacionado ao diabo- como já discutido. Há ainda os princípios ativo e passivo, no qual o primeiro representa o masculino, dada sua força de penetração, e o passivo, que orienta para o feminino, dado o formato de lira ou receptáculo. Nesta perspectiva a cor dourada se associa à ideia de divindade, perfeição, conhecimento e renovação.

De acordo com o ponto de vista da Teoria Queer, estamos nos referindo a indivíduos pós-identitários, constituídos por subjetividades cambiantes⁹⁻¹². A mesma surgiu em virtude do desgaste da política de identidade homossexual, bem como da expansão e diversificação dos movimentos ativistas, de modo que parte dos indivíduos optou por seguir na luta pela igualdade de direitos, enquanto outros seguem desafiando “as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/ homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira”^{4:38}.

A última definição presente na assertiva supracitada alcança as representações em análise, pois a androginia é caracterizada justamente pela ambiguidade, que confunde o olhar tradicionalmente habituado ao estabelecimento de classificações, indo ao encontro da ideia de corpo Queer, que “[...] não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”^{9:19}.

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. Queer é um corpo estranho que provoca e fascina^{4:7}.

Ao contrário do mistério presente em “Ensaio disfarce para o fim do mundo”, “Meu corpo criação”, da autora Vanessa Soares, é explícita na contraposição ao gênero binário. Vejamos sua composição na Figura 2:



Figura 2. Fotografia de Vanessa Soares, intitulada “Meu corpo criação”

Trata-se de uma fotografia relacionada à percepção da pessoa transgênero acerca do próprio corpo. A imagem evidencia um indivíduo que se olha e o que está à prova é o que Butler¹² chama de performatividade, ou seja, a encenação de gestos e a utilização de signos que a cultura e o discurso designam como específicos aos gêneros feminino e masculino. Isto fica explícito na expressão corporal e no figurino, que contrapõe o natural, mostrando a irreverência de uma pessoa que se encontra no entre lugares. Para Chevalier e Gheerbrant²² a simbologia relacionada ao olhar diz respeito à revelação de ordens interiores, inclusive a legenda confirma esta interpretação:

Imagem fotográfica em preto e branco da performance “mente e corpo” n.7853”, durante apresentação no centro Cultural Casa Vermelha em Florianópolis/ SC. O olhar da pessoa transgênera sobre si mesma, ao transitar entre uma recusa e um reconhecimento do próprio corpo, é capaz de explorar as fronteiras, entendimentos e desentendimentos entre masculinidades e feminilidades desviantes. O corpo transgênero é um corpo inventado. Não um corpo inventado pela biologia, que sacralizou como natural duas únicas formas de viver um corpo. Mas um corpo que é inventado pela própria pessoa que o vivencia, que intervém sobre aquilo que a sociedade não permite, e encontra reconhecimento sobre si em um corpo que é considerado artificial, mas que compõe uma realidade de sua existência de forma orgânica, e por que não, natural Florianópolis, SC^{22:74}.

Segundo Penn¹⁸, o texto que acompanha as imagens cumpre a finalidade de prevenir a ambiguidade de sentidos que é inerente às representações imagéticas. O autor ainda afirma que os diferentes elementos apresentados simultaneamente na fotografia são significados a partir da interação do leitor com a imagem, num processo que depende de conhecimentos prévios acerca dos objetos representados. Desta maneira os desentendimentos com as masculinidades e feminilidades tornam-se inteligíveis pelo conflito na relação estabelecida com os aspectos biológicos e culturais evidentes no corpo. Na observação do tórax seminu, por exemplo, fica expressa a rejeição pelo gênero feminino. Os seios envoltos por ligaduras retrata uma prática comum em indivíduos transgêneros que objetivam criar uma aparência de peitoral masculino. O figurino ainda é complementado pela calça jeans, opção unissex, que se sobrepõe ao cós de uma peça íntima tipicamente masculina.

Ao apresentar significados relativos às roupas, Chevalier; Gheerbrant²² afirmam ser mais uma forma de revelação interior, já que possibilita a expressão da individualidade e o pertencer à determinada sociedade. É justamente por isso que além do olhar, as vestes marcam a essência de “Meu corpo criação”, que representa de modo contundente o indivíduo que emerge queer. Escapando ao padrão imposto com base nas diferenças biológicas e culturais, o indivíduo subversivo coloca o modelo vigente à prova, expondo que nenhuma ordem é totalmente eficaz.

A imagem reflete o que Butler^{12:72} afirmar categoricamente, ou seja, “não somos simplesmente um corpo, mas, num sentido verdadeiramente essencial, fazemos o nosso corpo, e fazemo-lo diferentemente tanto dos nossos contemporâneos como dos nossos antecessores e sucessores”. Esta ideia reforça o desprezo às normas como marca dos corpos pós-identitários. Suas subjetividades cambiantes funcionam como uma espécie de vitrine, demonstrando que as transformações extrapolam o gênero e desafiam outros padrões, sobretudo os corporais. A recusa por se submeter a excessivos processos de determinação identitária fica sugerida na imagem, que também remete a um desejo de “reconstruí-lo” e “resignificá-lo”.

É justamente este ideário relacionado à possibilidade de arquitetar o corpo que gera intolerância, preconceito e que desafia as convenções como foi ilustrado inicialmente ao referimos à inserção destes indivíduos em diferentes espaços, como nas práticas corporais, na escola, na moda, na indústria cultural e na arte, cujo potencial facilita a compreensão sobre as subjetividades que permeiam estes corpos dissonantes. Como vimos, ambas as fotografias representaram de modo bastante contundente os corpos que perturbam os olhares de quem observa e ao mesmo tempo de quem os constrói subversivamente.

Para finalizar, destacamos que as duas fotografias foram taxativas em relação ao discurso autoritário. A essência retratada denota o oposto de outras práticas fotográficas que celebram a submissão dos indivíduos à ordem e à disciplina. Nos retratos da sociedade camponesa do Béarn, no sudoeste da França, analisados por Bourdieu e Bourdieu²³, por exemplo, havia uma preocupação por parte dos camponeses em controlar o que poderia ser registrado, incluindo, principalmente o tipo de roupas e a postura corporal, que deveriam estar de acordo com as convenções estabelecidas para cada ocasião. Tanto as fotografias dos

camponeses, quanto os retratos que constituíram a “Mostra de Multilinguagens Corpos Visíveis: arte e diversidade” refletem os valores que cada grupo desejou partilhar no momento do registro. A diferença reside na superação da fixidez e hierarquização, a que as últimas se propõem.

Conclusões

O processo de interpretação das fotografias possibilitou trazer à tona, que independente do controle imposto socialmente, há modos de ser que fogem à suposta normalidade almejando visibilidade e respeito. O que está representado em ambas as imagens é a dissolução da unidade simbólica de pertencimento, uma forma de sintoma que se manifesta em indivíduos que sofrem pela exposição aos excessivos processos de identificação existentes.

O conjunto observado em “Ensaio disfarce para o fim do mundo” nos aguçou o imaginário, provocando o olhar em função do cenário enigmático, que aos poucos foi sendo desvendado. Interpretando-a, fomos levados a dialogar com questões de gênero, religiosidade e poder, inclusive o levantamento de informações sobre o veto da imagem permitiu compreendermos a possível origem da intolerância que acomete pessoas que expõem fragilidades inerentes às normas. Os significados atrelados à composição da fotografia colaboraram para o entendimento que remete a indefinição identitária ao imaginário relacionado ao diabo e ao Orixá.

No que se refere à interpretação de “Meu corpo criação”, os elementos que a constituíram evocaram noções de transformação e resistência, pois composição e legenda evidenciaram recusa pelas heteronormatividades discutidas pela Teoria Queer. Também ficou sugerida uma expressão de sofrimento através do olhar que rejeita o gênero binário. A noção de corpo a ser construído remete à eclosão de um novo paradigma que desafia convenções e acarreta mudanças, o que extrapola a questão do gênero e afeta diferentes campos disciplinares, sobretudo aqueles que atuam diretamente sobre o corpo.

O estudo iluminou compreensões em torno do corpo que emerge queer e ainda se configurou como um alerta acerca das demandas que estão surgindo a partir dos mesmos. Faz-se necessário que outros estudos tragam novos olhares a fim de ampliarmos as discussões no campo das práticas corporais.

Referências

1. Foucault M. Vigiar e punir. 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2008.
2. Foucault M. História da sexualidade: O cuidado de si. 8. ed. São Paulo: Edições Graal; 2005.
3. Goellner SV. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí; 2003.
4. Louro GL, Felipe J, Goellner SV. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2013.
5. Pitsiladis Y, Harper J, Betancurt JO, Martinez-Patino MJ, Parisi A, Wang G, et al. Beyond fairness: The biology of inclusion for transgender and intersex athletes. *Curr Sports Med Rep* 2016;15(6):386-388. Doi: 10.1249/JSR.0000000000000314.
6. Gacia RM, Pereira EGB. A trajetória pessoal de Tiffany Abreu no esporte de alto rendimento. *Movimento* 2019;19(25032):1-15. Doi: 10.22456/1982-8918.82941
7. Garcia RM, Brito LT. Performatizações queer na educação física escolar. *Movimento* 2018;24(4):1321-1334. Doi: 10.22456/1982-8918.82502
8. O Globo *on line* [Internet]. Não-binários publicam selfies nas redes para mostrar o que significa essa identidade de gênero: Campanha na web quer esclarecer que existem pessoas que não se identificam nem como homem nem como mulher [acesso em 25 jan 2019]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/nao-binarios-publicam-selfies-nas-redes-para-mostrar-que-significa-essa-identidade-de-genero-14383736#ixzz5S2dO5IKD>
9. Salish S. Judith Butler e a Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica; 2017.

10. Louro GL. Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo horizonte: Autêntica; 2016.
11. Butler J. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: Macedo AG, Rayner F, editores. Gênero, cultura visual e performance: Antologia crítica. Lisboa: Edições Húmus; 2011, p. 69-88.
12. Butler J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Record; 2003.
13. O Globo *on line*. [Internet]. Colégio Pedro II extingue distinção de uniforme por gênero [acesso em 19 jul 2019]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/colegio-pedro-ii-extingue-distincao-de-uniforme-por-genero-20139240>
14. Dunker CIL. Mal-Estar, sofrimento e sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo; 2015.
15. Ruas M, Rabot JM. O estilo andrógino contemporâneo: Um desvio do imaginário em busca de um novo arquétipo do gênero? In: Pinto-Coelho F, Fidalgo J, editores. Comunicação e cultura: II Jornada de doutorandos em ciências da comunicação e estudos culturais. Universidade do Minho; 2013, p. 73-86.
16. Corpos visíveis [Internet]. Concurso fotográfico estética do invisível [acesso em 25 jan 2019]. Disponível em: <https://corposvisiveis.wixsite.com/2018>
17. Caldeira S. As potencialidades do estudo da imagem fotográfica na antropologia visual. *Rev Vista Portugal* 2017;1:165-180.
18. Penn G. Análise semiótica de imagens paradas. In: Bauer MW, Gaskell G, editores. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático. 10. ed. Petrópolis: Vozes; 2012, p. 319-342.
19. Barthes R. O óbvio e o obtuso: Ensaio sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
20. O Globo Rio [Internet]. Anteriormente vetadas, fotos agora serão exibidas em mostra no parque Madureira [acesso em 25 jan 2014]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/anteriormente-vetadas-fotos-agora-serao-exibidas-em-mostra-no-parque-madureira-22749454>
21. Natividade M, Oliveira L. “Religião e intolerância à homossexualidade: Tendências contemporâneas no Brasil”. In: Silva VG, organizador. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp; 2007, p. 261-302.
22. Chevalier J, Gheerbrant A. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 2018.
23. Bourdieu P, Bourdieu MC. “O camponês e a fotografia”. *Rev Sociol Polít* 2006; 26:31-39.

ORCID dos autores:Cássia Marques Cândido: <https://orcid.org/0000-0002-9779-1632>Heloísa de Almeida Suzano: <https://orcid.org/0000-0002-4762-3980>Monique Ribeiro de Assis: <https://orcid.org/0000-0002-2747-2601>

Recebido em 27/02/19.

Revisado em 08/11/19.

Aceito em 23/02/20.

Endereço para correspondência: Cássia Marques Cândido. Rua São Francisco Xavier, 524, 9º andar, bloco F, sala 9122. Maracanã, Rio de Janeiro. CEP.: 20550-900. E-mail: cmarquescandido@yahoo.com.br